



'Virgin Global Challenger' - Preparado para quebrar o recorde .

O balão está caindo!

Os três amigos perseguiram o recorde da volta ao mundo sem escalas, mas algo estava terrivelmente errado

Por Tim Bouquet

NO AEROPORTO de Marrakesh, imerso nas sombras do anoitecer, Alex Ritchie observava nervosamente enquanto 16 enormes cabos de aço esticavam um ondulante balão branco. Foram necessários cerca de 31 mil metros cúbicos de gás hélio para inflar completamente o *Virgin Global Challenger* até que atingisse seus quase 60 metros, pronto para a tentativa de conquistar o último grande recorde da aviação: a primeira volta ao mundo sem escalas num balão.

Ritchie, 52 anos, engenheiro mecânico de baixa estatura, projetara o sistema de pressurização da cápsula de 3,3 m x 3 m. Isso permitiria que a tripulação voasse a 12 mil metros de altitude. Os três tripulantes eram

Per Lindstrand, fabricante de balões e ex-piloto da Força Aérea da Suécia; Rory McCarthy, milionário irlandês praticante de pára-queda; e Richard Branson, dono da empresa Virgin.

Por 48 horas, Ritchie trabalhara a fim de aprontar o maior balão de hélio do mundo para o voo inaugural no dia seguinte. Lindstrand, 48 anos, um dos mais experientes aeróstatas do mundo, estava preocupado com o tempo. Por duas vezes, rajadas de vento provenientes das Montanhas Atlas quase haviam cortado os cabos de ancoragem da cúpula, que valia cerca de 6 milhões de reais. Mas Branson, sabendo que dois balões concorrentes iam ser lançados, queria ser o primeiro a subir.

Como os competidores, o *Challen-*



Início da Viagem— Ritchie, Branson e Lindstrand mostravam-se animados, mas tinham dúvidas sobre o sucesso da aventura no balão.

ger era um balão de gás e ar. A bolha fechada em seu topo estava cheia de gás hélio, mais leve do que o ar. Debaixo dessa bolha, havia uma área em forma de cone, cheia de ar, que poderia ser aquecida por três bicos de gás propano, localizados no teto da cápsula.

Durante o dia, o sol aqueceria o hélio, fazendo o balão expandir-se, subir e então permanecer na altitude de cruzeiro. À noite, a tripulação manteria a temperatura acendendo os bicos de gás.

No entanto, ninguém jamais voara em balão de hélio tão grande quanto esse. Não era apenas Alex Ritchie que se perguntava: *Será que ele voa realmente?*

Tendo trabalhado com Lindstrand

e Branson em outros vôos recordistas, Ritchie conhecia muito bem a fronteira tênue entre o desastre e o triunfo. Em 1987 o *Atlantic Flyer* rasgou um canal através da Irlanda do Norte antes de cair no mar, perto da Escócia, para registrar a primeira travessia do Atlântico num balão de ar quente. Em 1991, enfrentaram um incêndio a bordo do balão, na primeira travessia do Pacífico.

Às 20 horas, com a grande cúpula presa à cápsula e pronta para subir, Ritchie viu um agitado Lindstrand dirigir-se a ele:

— Ritchie, você deveria descansar um pouco — disse o piloto. — McCarthy não parece estar bem.

McCarthy estava com infecção

pulmonar. E meses antes Ritchie prometera a Lindstrand que tomaria o lugar de algum tripulante que desistisse na última hora. *McCarthy é forte*, pensou, procurando tranquilizar-se. *Ele vai conseguir!*

Às 6 horas da manhã do dia do lançamento, 7 de janeiro de 1997, o telefone tocou no quarto do hotel onde Ritchie estava hospedado. Era Branson:

– Você pode vir até aqui para conversarmos?

Na suíte de Branson, Ritchie encontrou o dono da Virgin com um desapontado McCarthy e o médico do projeto, Tim Evans. McCarthy estava com pneumonia e não poderia voar. Mas as condições do tempo indicavam que eles tinham de decolar naquele dia ou desistir da tentativa.

– Deixe-me dar uma olhada em *vo-cê* – disse Evans a Ritchie e, depois de rápido exame, balançou a cabeça em sinal de aprovação. – É melhor arranjar um macacão.

Saindo às pressas do quarto, Ritchie ouviu a mulher de Branson, Joan, que se opusera implacavelmente ao projeto, perguntar a Evans:

– Você já deu uma olhada na cabeça de Branson?

Ritchie telefonou para sua mulher, Jill, professora primária, que estava em casa, em Essex. Então, usando macacão vermelho e um mal-ajustado capacete emprestado, ele posou para as câmeras com os colegas aviadores. “Tudo está indo muito bem”, informou Branson aos jornalistas antes de correr para a mulher e os filhos.

Sam, de 11 anos, pendurou-se nele:

– Papai! – soluçou. – Por favor, não vá!

OS TRÊS HOMENS entraram na cápsula, passando pelos casulos que ficavam na base e serviam de depósito e dormitório. Os três assentos estavam voltados para fora, mas a visão através das quatro pequenas janelas era obscurecida pelos seis tanques de propano de 2,5 metros de altura, fantasiados de latas de Virgin Cola e fixados do lado de fora da cápsula.

Enquanto Branson verificava as câmeras de vídeo com as quais filmaria a viagem, o piloto Lindstrand realizava a última conferência com o pessoal de terra. Cercado de mostradores, computadores e impressoras, ele poderia comunicar-se com o mundo lá embaixo através de rádio, satélite e Internet.

Ritchie estava tenso e se atrapalhava com o cinto de segurança do assento. Nunca estivera em um balão como esse. No entanto, não era mais hora de se preocupar com o fato de ser levado a uma altitude de quase 10 mil metros num aparelho do tamanho de uma pequena estufa.

Lindstrand chamou a torre de controle: “Peço permissão para decolar.” Cavaleiros berberes acenaram com rifles; dançarinas e músicos em trajes nacionais marroquinos balançaram-se no asfalto. Às 11h19, hora de Greenwich, ouviu-se forte estampido quando cargas de explosivos romperam os cabos de ancoragem. O

Challenger elevou-se rumo ao brilhante céu azul.

A 3 mil metros, sobre uma paisagem de montanhas cobertas de neve, o medo de Ritchie transformou-se em euforia. Olhando através do domo de observação do amplo bocal da cúpula, pensou: *É maravilhoso estar vivo!*

terra a velocidades que podem ultrapassar 480 km/h. Esses ventos os levariam através do Oriente Médio em direção ao norte da Índia, China e, cruzando o Pacífico, até a América do Norte; depois rumo à Europa e ao livro de recordes, ao fim de 18 dias e cerca de 40 mil quilômetros.

Após cinco horas de vôo, a impressora do satélite emitiu mensagem do controle do projeto. Lindstrand leu-a e, sem uma palavra, passou-a para Ritchie. "Atenção", dizia a mensagem concisamente, "as travas Tema foram deixadas acidentalmente fechadas."

Essas travas de segurança estavam nas juntas de rápida liberação, que conectavam as mangueiras de cada tanque de combustível à cápsula. Os tanques tinham a função vital de segurança. Se o balão começasse a perder altitude rapidamente, Lindstrand poderia livrar-se

deles como lastro, acionando os explosivos que cortariam os cabos.

Mas com as travas Tema ainda fechadas, ele não poderia deter o *Challenger* se este começasse a descer vertiginosamente, em direção à terra. Embora o perigo não fosse imediato, era potencialmente um sério problema. E, com montanhas de 3.600 metros abaixo, não poderiam aterrisar para liberar as fechaduras.



Sem Desespero— Branson tenta manter-se calmo na cápsula enquanto o balão ruma direto para o chão.

UMA HORA APÓS a decolagem, Branson falava diante da câmera de vídeo: "Estamos a cerca de 9 mil metros de altitude, exatamente o que dissemos que faríamos."

Nas primeiras 24 horas eles sobrevoaram as Montanhas Atlas, na Argélia, depois a Líbia e o Egito. Lá pegariam carona com os ventos fortes de grandes altitudes que circundam a

Lindstrand continuava confiante.

— Há um meio de manter viva nossa esperança de bater o recorde — assegurou para os outros dois. Como o ar esfriava ao cair da noite, o balão desceria naturalmente até 3 mil metros sobre os picos mais baixos, onde poderiam despressurizar a cápsula. — Então um de nós sobe e libera as travas. Depois que o sol sair, subiremos novamente e não teremos perdido muito tempo nem desperdiçado hélio — acrescentou o piloto.

Mas quem realizaria o arriscado passeio pelo céu? Tanto Lindstrand quanto Ritchie podiam soltar as travas, mas somente Lindstrand sabia dirigir o balão. Tinha de ser Ritchie.

Por volta das 16h55, o sol estava se pondo e o grande balão começou a perder altura. Dentro da cápsula escura, eles se sentiam como a tripulação de um submarino, baseando-se em mostradores e dispositivos digitais. Então Ritchie chamou a atenção de Lindstrand para o indicador de nível de altitude.

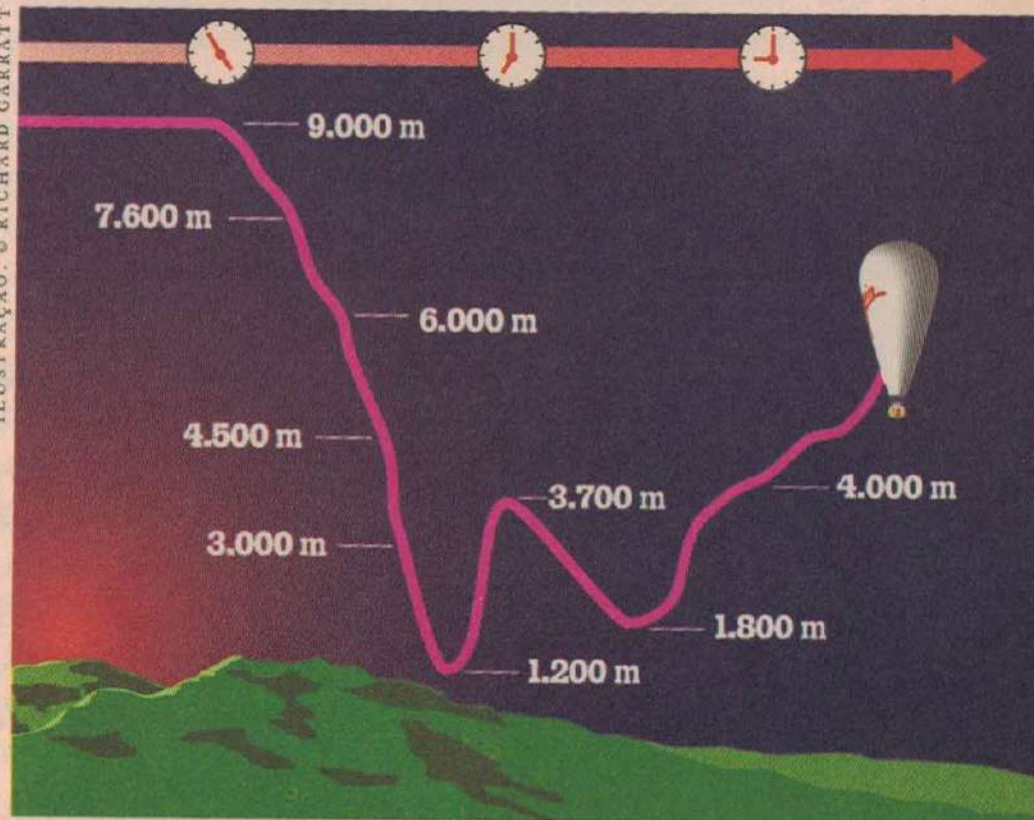
— Não deveríamos estar descendo tão rápido! — exclamou.

A cápsula fora apanhada por um rotor: espécie de roda de Ferris (brinquedo de parque de diversão que consiste em uma série de cadeiras que

giram horizontalmente, presas em torno de um eixo) de vento encontrada no sotavento das montanhas, e que pode puxar um balão diretamente para o chão.

O *Challenger* estava caindo a 600 metros por minuto — e eles não podiam se livrar dos tanques.

ILUSTRAÇÃO: © RICHARD GARRATT



Em Queda— A descida do ‘Challenger’ sobre as Montanhas Atlas. Acompanhe no gráfico os momentos dramáticos.

— Temos de nos desfazer de algum peso! — gritou Ritchie.

Então desceu até o depósito e começou a jogar fora, através da câmara de compressão, os pequenos pacotes cheios de balas de chumbo que serviam de lastro. Mas o *Challenger* estava fora de controle.

Branson sabia que algo grande tinha de ser jogado fora para deter a descida. A 3 mil metros ele soltou as

duas válvulas de pressurização da escotilha da cabine principal e rasgou a porta. Ritchie começou a jogar caixas para ele.

— Sete quilos e meio, 15 quilos — gritava para Lindstrand enquanto Branson arremessava seus suprimentos de água e óleo de motor, entre outros.

O ritmo de descida diminuiu para 120 metros por minuto. Mas não era

— Estamos subindo!

Em torno das 19 horas, o *Challenger* voltara à altitude de 3.700 metros. Branson, tenso e sombrio, enxugou o suor da testa e disse para si mesmo: *Se você sair desta vivo, pelo amor de Deus não caia em outra!*

O alívio durou apenas dez minutos. Então o ponteiro de nível de altitude mais uma vez desceu. O *Challenger* fora apanhado por outro rotor e caía cada vez mais, como se afundasse num mar tempestuoso.

Alex Ritchie não tinha tempo a perder com o medo. Puxou os ferrolhos do domo de observação, arrastou-se para fora e começou a subir.

Lindstrand consultou o relógio. Eles tinham caído 1.800 metros. *Ritchie tem apenas cinco minutos para soltar aquelas travas.*

Lá fora, sobre o teto de uns dois metros de largura, o frio era de congelar. Ritchie levava um pára-que-das. Mas se caísse nunca o abriria a tempo. Amarrou-se à cobertura com forte ti-

ra de náilon. De quatro, na escuridão, bateu através de um emaranhado de antenas e partes do aparelho até a beira do teto.

Subitamente não havia mais teto. *O topo do primeiro tanque deve estar a uns 25 centímetros abaixo de mim.* Deitado de bruços, Ritchie estirou-se. Seus dedos tocaram o botão de aço. Abaixo



Frustrados, Mas Vivos— A salvo em terra, os balonistas falam com suas famílias através de satélite.

suficiente. Na hora seguinte os dois homens, suando muito, livraram-se de três quartos de tonelada de suprimentos, até que tudo que restava era um pouco de água e duas garrafas de champanhe.

O *Challenger* descera quase 7.900 metros. Finalmente, a 1.200 metros, Lindstrand gritou:

dele, aproximando-se cada vez mais, os picos do Atlas estendiam-se à espera, como dentes de tubarão.

Estirou-se mais ainda, conseguiu agarrar um dos ferrolhos de segurança circulares de cerca de 1,5 centímetro e empurrou-o para baixo. O ferrolho estava emperrado. Cerrando as mandíbulas, empurrou até movê-lo o máximo que podia, depois o girou até ouvir um estalo. O primeiro estava solto. Arrastou-se até o seu par, que se moveu mais facilmente.

Lindstrand olhou de novo para o relógio. Ritchie levava dois minutos. O balão ainda estava caindo.

Ritchie começou a ficar confuso. *Será que abri realmente a primeira trava? Talvez a tenha fechado!* Voltou e repetiu o que tinha feito para assegurar-se de que ambas as fechaduras estavam abertas. Em seguida, arrastou-se até o segundo tanque e soltou as juntas.

Descendo de volta à cápsula, acenou para Lindstrand. O sueco pressionou um botão laranja. Imediatamente, ouviu-se um *bang* e a cápsula deu uma guinada. Do lado de fora, um tanque mergulhou na noite.

Os três homens olharam para o mostrador. O ponteiro deu um salto e depois começou a subir. Ritchie conseguiu! O *Challenger* estava subindo. Eles tinham escapado da morte por uma questão de 300 metros.

A 2.400 METROS, o humor dentro da cápsula havia melhorado significativamente.

– Tenho de tomar um pouco de ar – brincou Ritchie, ao sair novamente para soltar as conexões dos outros quatro tanques.

Voltou em dez minutos. Às 21 horas a cápsula estava pressurizada e o *Challenger* elevava-se para 3.900 metros, a salvo.

Nesse momento já sabiam que a tentativa de bater o recorde fracassara. Lindstrand acendeu os bicos de gás. Queria ganhar altitude suficiente para livrar-se dos picos mais altos e aterrissar no Saara na manhã seguinte.

De repente o *Challenger* fugiu ao controle outra vez, elevando-se para a estratosfera: 4.500 metros... 6 mil metros!

A 7.600 metros, Branson registrou na câmera: “O balão está perdendo propano.” O vazamento, além da queda do tanque e dos suprimentos, significava que eles agora haviam perdido peso demais. *Ele vai continuar subindo até explodir*, pensou o dono da Virgin sombriamente.

Mas a essa altura o frio da noite fez sua parte e esfriou o balão. O *Challenger* começou a cair de novo. Por volta das 7 horas da manhã, Lindstrand realizava a manobra final para descer no noroeste da Argélia.

O controle de tráfego aéreo da Argélia guiou-o para um local seguro, mas os cinco tanques restantes estavam bloqueando sua visão. Ele precisava de outro par de olhos.

– Ritchie? – chamou.

– Para o teto? – perguntou Ritchie, dando de ombros.

A 900 metros de altitude, Ritchie foi até o teto pela terceira vez. O sol estava nascendo e uma luz cor-de-rosa atravessava milhares de quilômetros de deserto. *Absolutamente soberbo!*, pensou, enquanto batia fotos.

Ritchie ficara intrigado com uma série de manchas negras descritas no mapa como "monumentos". A 300 metros de altura ele os viu.

— Lindstrand, lá fora parece o Arizona — gritou.

Enquanto Ritchie guiava Lindstrand através das formações rochosas do tamanho de edifícios de escritórios, o piloto constatava: *Se descêssemos à noite, poderíamos esborrachar-nos contra elas*. Sentindo-se totalmente a salvo, Lindstrand relaxou. *Esse foi o último perigo*, pensou.

— Lindstrand!

Era Ritchie novamente.

— Há uma linha de transmissão de eletricidade à frente!

— Que história é essa de *linha de eletricidade*? Isto é um deserto!

— Postes de concreto a cerca de 800 metros! — confirmou Ritchie.

Lindstrand ordenou então que Ritchie voltasse. Mal ele acabara de afivelar-se ao assento, a cápsula tocou o solo com o impacto de uma batida de carro em baixa velocidade. Após

20 horas e quase 640 quilômetros, a aventura chegara ao fim.

Enquanto abriam o champanhe, Alex Ritchie, finalmente, permitiu-se um longo e profundo suspiro de alívio.

DEPOIS DE resgatados pela polícia e pela força aérea locais, Richard Branson prestou homenagem a Ritchie. "Por um capricho do destino Ritchie teve de ir e sabia como soltar os tanques. Sem ele, não teríamos voltado."

Ritchie deixou de lado os cumprimentos, dizendo que qualquer um o teria feito. Sua mulher, Jill, discordou: "Isso não é algo que a maioria das pessoas teria feito", insistiu ela, "mas eu sempre soube que não tinha um marido comum."

Nenhuma das três tentativas de recorde teve sucesso.

O balonista Alex Ritchie morreu no dia 12 de abril de 1998, aos 52 anos, após três meses internado num hospital de Londres. Num vôo no Marrocos, o pára-quedas não se abriu e Ritchie caiu num estacionamento de carros, quebrando uma perna, um braço e a pélvis. O balonista não resistiu a uma infecção generalizada.

OPÇÃO ADULTA

Meu filho adolescente queria fazer uma tatuagem, mas eu não permiti. Alguns dias depois de fazer 18 anos ele voltou para casa orgulhoso com uma tatuagem. Embora isso não me deixasse feliz, fiquei curiosa para ver o símbolo escolhido. Ele trazia no ombro a figura do Mickey Mouse.

— RITA E. NADEAU, EUA

“ Entre Aspas ”

Uma verdade há, que me não assusta, porque é universal e de universal consenso: não há escritor sem erros.

—RUI BARBOSA, *em Réplica*

O melhor método de se vencer obstáculos é o método de equipe.

—COLIN L. POWELL

Usar a imaginação é a única forma de você poder realmente ir a qualquer lugar.

—ANN PATCHETT, citada por Elizabeth Bernstein em *Publishers Weekly*

Na pista de dança, como na vida, você só pode ser tão bom quanto seu par.

—ROBIN M. HENING, *em USA Today*

Procurar é a metade da graça: a vida torna-se muito mais fácil quando é considerada uma gincana e não uma festa-surpresa.

—JIMMY BUFFET, *A pirate looks at fifty*

Guardar ressentimento é como tomar veneno e esperar que a outra pessoa morra.

—MALACHY MCCOURT, citado por Alex Witchel no *New York Times*

A vida não precisa ser perfeita para ser maravilhosa.

—ANNETTE FUNICELLO

Gente demais dá valor de mais ao que não é e de menos ao que é.

—MALCOLM S. FORBES

O trabalho é um mistério; muitos dizem que o detestam, mas ele tem sobre nós um poder tão forte que captura emoções e lealdades que nunca soubemos existirem.

—BOB GREENE, *Tribune Media Services*

A veneração pelo passado é importante, mas também é importante a consideração pelo futuro.

—BRAD HERZOG, *em Travel Journal*

Deus tem sido tão generoso em suas ofertas que podemos perder algumas de valor incalculável, o equivalente a reinos inteiros, e continuarmos a ser vergonhosamente ricos.

—WILFRID SHEED, *In love with daylight (Simon & Schuster)*

Nada como uma boa família quando você está realmente em apuros.

—CAROLYN HAX, *no Washington Post*